



DÉBORA SANTOS

# Alterações climáticas ainda são um desafio subestimado

A vice-presidente da Secção Regional da Madeira da Ordem dos Engenheiros Técnicos defendeu uma resposta global, mas também local, seguindo medidas de mitigação e de adaptação.

Por **Catarina Gouveia**  
catarina.gouveia@jm-madeira.pt

Débora Santos, vice-presidente da Secção Regional da Madeira da Ordem dos Engenheiros Técnicos (OET), a inaugurar as intervenções da quinta sessão da quarta edição das Jornadas Madeira, apontou que a identificação do aquecimento global e a descoberta da sua causa “devem ser das questões de natureza científica mais analisadas, escrutinadas, criticadas e contestadas na história da ciência”.

Perante o cenário atual, que aponta para uma redução da precipitação anual em várias zonas e aumento da temperatura média e frequência de ondas de calor em todas as regiões, a engenheira colocou sobre a mesa dois tipos de respostas que têm de ser consideradas: a mitigação e adaptação.

A primeira, referiu, “consiste em combater as causas das alterações

climáticas antropogénicas e traduz-se em ações para estabilizar a concentração atmosférica de gases de efeito de estufa, seja pelo meio de limitação de emissões atuais e futuras, seja pelo desenvolvimento de sumidouros destes gases”, explicou. “Há muito a fazer” nesta área da mitigação, sustentou, principalmente em aspetos como o combate à pobreza energética, a mobilidade sustentável, a necessidade de redução de consumos e a urgência em apostar na criação de mais espaços verdes urbanos.

Por seu turno, a adaptação “é um processo de resposta em que se procura minimizar os efeitos negativos dos impactos atuais e futuros das alterações climáticas”, prosseguiu. Enquanto na mitigação pressupõe uma estratégia global na redução de emissões, a adaptação antevê uma avaliação que deverá ser integrada “juntando todas as vulnerabilidades e impactos nos vários setores socioeconómicos”.

“**Demorou, mas já passámos a fase em que a influência do Homem no clima era considerada ‘fake news’, ou uma teoria da conspiração, mas é interessante constatar que o desafio continua a ser subestimado.**

**Débora Santos**, vice-presidente da Secção Regional da Ordem dos Engenheiros Técnicos

**Alterações já são inevitáveis**

Débora Santos frisou que é essencial ter presente que “já não é possível evitar completamente as alterações climáticas”, pelo que importa, sim, limitar o aumento da temperatura

média global ao máximo de 2 graus celsius, sendo para isso fundamental “pôr em prática rapidamente medidas de mitigação capazes de evitar que este limite seja excedido”.

A ‘vice’ da Secção Regional da Madeira da OET afirmou que, por outro lado, é necessário que nos adaptemos “a este clima sempre em mudança”, procurando “minimizar os efeitos adversos e potenciar novas oportunidades”. A ciência tem vindo a demonstrar que o cumprimento das metas estabelecidas até 2030, e até a diminuição do consumo de recursos ‘per capita’ não vão impedir que sejamos “sempre confrontados com eventos climáticos extremos”, com “impactos brutais, principalmente nas cidades”, alertou.

Há, por isso, a “necessidade de apostarmos na adaptação”, o que tem de ser feito através de uma “estratégia local, específica de cada região, de cada concelho e de cada pessoa”, que deve acorrer aos limites mais baixos